

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

CAROLINA SUZANA DE LIMA GOULART

**O NARRADOR-LEITOR E O PAPEL DA MEMÓRIA EM  
*A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR  
2015

CAROLINA SUZANA DE LIMA GOULART

**O NARRADOR-LEITOR E O PAPEL DA MEMÓRIA EM  
*A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em letras Português-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Wellington  
Ricardo Fioruci



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS


FOLHA DE APROVAÇÃO


Autor (a): **GOULART, Carolina Suzana de Lima**

Título: **O narrador-leitor e o papel da memória em *A misteriosa chama da rainha Loana***

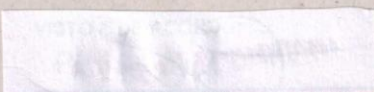
Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 22/06/15, com

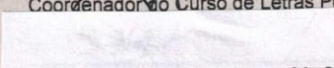
NOTA 10,0 ( dez ) pela comissão julgadora:

  
Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci – UTFPR Pato Branco

  
Prof.ª Ma. Egide Guareschi – UTFPR Pato Branco  
Responsável e Membro da Banca Examinadora

  
Prof.ª Dra. Mirian Ruffini Galvão – UTFPR Pato Branco  
Membro da Banca Examinadora

  
Profa. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier  
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

  
Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero mostrar minha gratidão a todos os professores de literatura que tive contato no curso de Letras, os quais, cada um ao seu jeito, despertaram em mim o encantamento por tal área.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Professora Égide Guareschi e Professora Mirian Ruffini, pela disposição em contribuir para a realização desse trabalho, e também à Professora Rosângela Marquezi pela atenção em ouvir.

Por fim, agradeço ao Professor Wellington Fioruci pelo cuidado na instrução do trabalho, e por ter desempenhado seu papel de guia com tanta disponibilidade e, sobretudo, paciência.

*Lê e fantasia, embebedada-se de solidão. Adulto, desiludido dos prazeres da vida e da mesquinhez dos homens de letras, sonha uma tebaida refinada, um deserto privado, uma arca imóvel e tépida. Assim constrói seu eremitério, totalmente artificial, onde, na penumbra aquosa de vidraças que o separam do espetáculo obtuso da natureza, transforma a música em sabores e os sabores em música.*

(ECO, 2005, p. 400)

## RESUMO

GOULART, Carolina S. L. **O narrador-leitor e o papel da memória em *A misteriosa chama da Rainha Loana***. 2015. 37 f. Monografia (Curso de Graduação em Letras Português-Inglês) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2015.

Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica feita no campo da teoria literária, e tem como objetivo discorrer sobre a questão do narrador-leitor e o papel da memória dentro da obra *A misteriosa chama da Rainha Loana* (2004) de Umberto Eco. Discute, também, os conceitos sobre a relação entre literatura e sociedade, e sobre o papel que o leitor desempenha na contemporaneidade, bem como analisa tais conceitos dentro do romance em questão, o que serve como exemplo para outras analogias dentro desse campo de estudo. Como conclusão, faz-se perceber a representação da metáfora presente na obra de Eco que ilustra as questões mencionadas, ajudando, portanto, na sua compreensão. Mais ainda, traz como resultado um panorama que reforça as ideias sobre a relação íntima entre literatura e sociedade, assim como uma contribuição desse trabalho para os estudos das manifestações literárias na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Teoria Literária. Contemporaneidade. Memória. Narrador-Leitor. Umberto Eco.

## ABSTRACT

GOULART, Carolina S. L. **The narrator-reader and the role of memory on the novel *The mysterious flame of Queen Loana***. 2015. 37 s. Monography (Graduation Course in Letras Português-Inglês) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2015.

This work presents a bibliographical research done on the literary theory area, and has as an objective to broach about the issue of the narrator-reader and the role of the memory inside the novel *The mysterious flame of Queen Loana* (2004) by Umberto Eco. It also discusses, the concepts around the relation between literature and society, and about the role that the reader performs on contemporaneity, as well as analyses such concepts inside the novel in focus, which serves as an example to other analogies on this study area. As a conclusion, it makes us realize the representation of the metaphor presented on the novel by Eco that illustrates the issues mentioned, helping, therefore, on its comprehension. Furthermore, it brings, as a result, a panorama that reinforces the ideas about the intimate relation between literature and society, and thus a contribution of this work to the study of literary manifestations on contemporaneity.

**Keywords:** Literary Theory. Contemporaneity. Memory. Narrator-Reader. Umberto Eco.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 ROMANCE X SOCIEDADE.....</b>	<b>10</b>
<b>3 O PAPEL DO LEITOR.....</b>	<b>15</b>
<b>4 ANÁLISE DO ROMANCE.....</b>	<b>21</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo no campo da teoria e crítica literárias, buscando mais aprofundadamente averiguar como se dá a constituição de sua significação e suas relações com a sociedade, trazendo como exemplo a investigação de como se constitui literariamente a metáfora do narrador como leitor na obra *A misteriosa chama da Rainha Loana*<sup>1</sup>, do escritor italiano Umberto Eco.

Tais estudos se mostram importantes e de certa forma desafiadores devido à necessidade de enriquecimento material teórico sobre o assunto, mais ainda em relação à contemporaneidade, período o qual o romance em questão se insere, pouco distanciado dos dias de hoje, mostrando-se então um objeto de pesquisa bastante interessante e atual.

Os estudos acerca da contemporaneidade, dados os limites temporais, são, portanto escassos, e, levando-se em conta a relevância de se mapear a produção do presente, carecem ainda de mais fôlego. Das várias personalidades construtoras desse momento, o escritor italiano Umberto Eco é um dos principais nomes. Consagrado como ficcionista e teórico, sua produção é significativa para a construção do cânone da literatura contemporânea devido à qualidade dos textos.

Tendo em vista tais perspectivas, pretende-se focar este estudo na obra *A misteriosa chama da Rainha Loana* (2004), do autor supracitado, com o intuito de investigar como o narrador desempenha a função de leitor e como se dá o diálogo deste com a construção da memória, pois se acredita que esta se mostra extremamente relacionada com a ligação entre literatura e sociedade, enfatizando, portanto a importância da possível contribuição que a execução de um projeto como esse ofereceria.

A construção do trabalho se deu por meio de pesquisa bibliográfica, análise e interpretação de obras de referência, tendo o material teórico como suporte para a resolução dos objetivos anteriormente citados.

Inicialmente será discutido como o gênero romance adquire importância para a compreensão da sociedade. Na sequência será traçado um panorama sobre a importância que o leitor adquire no processo de significação no que cabe à literatura

---

<sup>1</sup> Foi utilizada a versão traduzida para o português feita por Eliana Aguiar do original *La misteriosa fiamma della regina Loana* – Milan/Bompiani, 2004.

contemporânea, e por fim será feita uma análise de tais aspectos no romance em questão.

No plano mais detalhado verificar-se-á não somente como o papel da memória, tanto histórica quanto afetiva, processa-se na construção do romance, como também será analisada a relevância da intertextualidade no processo de reconstituição da memória na obra citada, uma vez que a leitura de uma literatura específica em conjunto com elementos exteriores ajudam a compor a identidade do indivíduo perante a sociedade.

Espera-se que os dilemas expostos e analisados aqui possam além de enriquecer os estudos da contemporaneidade, contribuir também nos estudos da recepção do texto literário, que é um trabalho relevante no que cabe à tentativa de compreensão das relações entre sociedade e literatura.

## 2 ROMANCE x SOCIEDADE

No campo dos estudos literários, uma das grandes discussões que vem se moldando através dos tempos é a de sobre quais aspectos devem-se ater a interpretação de uma obra para assim refletir sobre sua relevância para os estudos literários.

Algumas das perspectivas mais antigas traziam premissas de que a significância de uma obra estava relacionada apenas aos fatos pessoais da vida do autor, ignorando o contexto socio-histórico, conferindo apenas o caráter biográfico para os estudos sobre literatura. Outras por sua vez discutiam a relevância dos vários gêneros, como por exemplo, poemas, contos, e etc., classificando alguns como mera manifestação vazia de arte sem vínculo algum com os dilemas sociais do meio em que está inserido.

Com o avanço dos estudos, como os que serão brevemente abordados aqui, foi possível chegar à concepção de que, independentemente do gênero de manifestação, a literatura está extremamente relacionada com a sociedade, sejam nos fatores de inspiração do autor, suas marcas verbais, ambientação das ficções, ou na interpretação que o público lhe atribuirá, os elementos dos dilemas sociais se encontram implícitos até mesmo nos gêneros mais subjetivos de forma ou de enredo.

Desde os *haikais*, com a temática da natureza, até as longas narrativas com elementos inverossímeis – como a *Revolução dos Bichos*, de George Orwell, por exemplo – é possível fazer uma leitura crítica relacionada à sociedade.

Essa relação íntima da literatura com a sociedade é abordada por Antoine Compagnon em seu trabalho *O Demônio da teoria: literatura e senso comum* que discute as implicações entre a história – em sua perspectiva social – e a literatura, bem como suas críticas, como no trecho:

A hipótese central da história literária é que o escritor e sua obra devem ser compreendidos em sua situação histórica, que a compreensão de um texto pressupõe o conhecimento de seu contexto: “Uma obra de arte só tem valor em seu ambiente circundante, e o ambiente circundante de toda obra é a sua época”, escreveu Renan. (COMPAGNON, 2012, p. 199)

Atendendo à relevância de tais perspectivas, e sendo necessário um exemplo para ilustrar o estudo de uma área tão ampla como a dos estudos literários,

no momento de escolha dos elementos de análise para a confecção desse trabalho foi levada em consideração a importância do gênero romance como espaço de representação e manifestação de ideias, sendo, portanto, um instrumento fundamental e diferenciado de expressão social, uma vez que sua estrutura narrativa possui o caráter fantasioso, subjetivo e lúdico da ficção.

Outra característica relevante que confere importância ao romance é o seu viés estimulador do espírito crítico, formador do indivíduo atuante nos desdobramentos sociais, como ressalta Moretti:

Outra razão para conferir ao romance um lugar de relevo na vida das nações é que, sem ele, o espírito crítico, motor da mudança histórica e o melhor defensor da liberdade de que dispõem os povos, sofreria um empobrecimento irreparável. Porque uma boa literatura é a que põe radicalmente em discussão o mundo em que vivemos. Em todo grande texto de ficção, e muitas vezes sem que os autores o hajam proposto, existe uma predisposição sediciosa. (MORETTI, 2009, p.26)

Uma vez que a literatura é uma arte, e o romance um dos seus mais importantes instrumentos de manifestação, acaba sendo necessária uma discussão acerca de como se estabelece sua relação com a construção de identidade e recuperação da história, configurando por vezes o resgate da memória de uma cultura, e de elementos que por vezes não se mostram claros por outros gêneros.

Como observa Fuentes “A obra de arte acrescenta algo à realidade que antes não estava ali, e, ao fazê-lo, forma a realidade, mas uma realidade que, muitas vezes, não é imediatamente perceptível ou material.” (2007, p.18). Essa ação da obra de arte sobre a realidade resulta numa nova leitura de seu meio ou da história, a qual mesmo sendo pessoal acaba se relacionando implicitamente com as implicações sociais.

Essa nova visão, como se fosse um panorama revisto, é então fruto da capacidade de transmitir o real e o subjetivo de forma a brincar com as possibilidades da fantasia que o romance tem, as quais estimulam o trabalho do pensamento crítico e o resgate de dilemas do passado. O que acaba ajudando, portanto, a necessidade de construir uma significância atual, seja ela política, cultural, ou pessoal.

Nações inteiras perderam a fala quando seus escritores desapareceram. E, ao perderem a fala, perderam a imaginação: as razões políticas que suprimiram a palavra terminaram, em meio ao som e à fúria, desprovidas de

razão, legitimidade ou eficácia, suprimindo-se a si mesmas. (FUENTES, 2007, p. 21)

O trecho citado de Fuentes ilustra a ideia da importância de representação dos dilemas sociais que o romance traz, representação considerada necessária, sobretudo à constituição da identidade histórica e cultural.

É na representação do romance que se perpetua de forma diferenciada – como já observado – fatos e histórias que não teriam o mesmo impacto se ditas de outro modo, como assinala Moretti “[...] a melhor contribuição da literatura ao progresso humano: recordar-nos.” (2009, p.27).

Essa recordação à qual Moretti se refere possui significado amplo, pois o romance com seus subgêneros (policial, histórico, psicológico, e etc.) participa na construção da identidade crítica do indivíduo e, conseqüentemente, da memória em diferentes instâncias, atingindo níveis individuais e pessoais até os níveis político e histórico, configurando, desse modo, uma abrangência coletiva, que dependendo de sua recepção, marca gerações. Um exemplo disso são os clássicos que, numa leitura dialogada com o contexto social, acabam eternizando a cultura de uma época.

Dentro dessa função histórico-social que o romance tem, isto é, de nos ajudar a recuperar a memória e a identidade, há um elemento de importância singular que ajuda a construir esse caminho. Este elemento é a liberdade de expressão, a qual é usada para expressar fatos que muitas vezes nunca foram de manifestados, assim como perspectivas que por vezes permaneceram ocultas, seja numa concepção individual ou na de uma nação inteira.

Esse elemento surpresa é movido pela curiosidade do público leitor. É a busca pelos componentes, que por vezes ficam camuflados na realidade, que instigam na leitura de um romance e fazem com que o público continue a busca por aquela reafirmação de algo que se mostrava oculto à percepção, como pondera Compagnon:

A literariedade de um texto, lembremo-nos, se caracteriza por uma deslocamento, uma perturbação dos automatismos da percepção. [...] O procedimento literário tem uma função de estranhamento, ao mesmo tempo na obra em que se insere e, para além desse texto, na tradição literária em geral. Assim, a desfamiliarização, como desvio relativamente à tradição, permite localizar o elo histórico que une um procedimento ao sistema literário, ao texto e à literatura. (COMPAGNON, 2012, p. 205)

Esse deslocamento e essa perturbação a que o autor se refere são, como já dito, os elementos inquietantes que a leitura de um romance proporciona, elementos que funcionam como motivadores da leitura para a redescoberta de algo. O leitor recupera alguma coisa que por razão desconhecida fora camuflado em suas vivências e pensamentos pessoais ou em determinada situação social, como observa Fuentes:

O ponto onde o romance concilia suas funções estéticas e sociais se encontra na descoberta do invisível, do não-dito, do esquecido, do marginalizado, do perseguido, fazendo-o, ademais, não em necessária consonância, mas, muito provavelmente, como exceção aos valores da nação oficial, às razões da política reiterativa e também ao progresso como ascensão inevitável e suposta. (FUENTES, 2007, p. 22)

O que Fuentes afirma dialoga com a fala de Compagnon, e confirma o grau de relevância do romance no que cabe à constituição da identidade política, pois aquele acaba por mostrar em sua subjetividade os fatos que foram, de alguma forma, suprimidos ou nunca mencionados.

São os “não-ditos” que ficaram intocados na memória, e que por vezes configuraram uma característica “marginalizada”, como o próprio autor diz, que ajudam o indivíduo a crescer criticamente em meio à sociedade. É o modo como esses não-ditos são expostos no romance que instiga o pensamento crítico do leitor, melhorando suas concepções sobre os dilemas sociais, e lhe conferindo mais engajamento no meio em que se relaciona.

Mais uma vez é possível afirmar a riqueza de problemática que o romance enseja. O resgate da memória oculta, na sua representação ficcional, torna possível o embate de mazelas pouco exploradas ou muitas vezes inimagináveis às situações reais, como Fuentes pontua a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin:

Ninguém definiu melhor, no plano teórico, esta nova fase do romance do que Mikhail Bakhtin. Numa era de linguagens conflituosas – informação instantânea, sim, integração econômica global também, muita estatística e pouco conhecimento – o romance é, será e deverá ser a arena onde todas elas podem marcar encontro. O romance não só como encontro de personagens, mas como encontro de linguagens, de tempos históricos distantes e de civilizações que, de outra maneira, não teriam a oportunidade de relacionar-se. (FUENTES, 2007, p.28)

Mesmo com toda a fantasia que um gênero como o romance possa apresentar, sua verossimilhança se mostra extremamente eficaz no que cabe a uma interpretação relacionada à sociedade, pois por mais que um elemento trazido se

mostre ficcional, este acaba se relacionando de alguma forma ao meio social, como por exemplo o que aqui é discutido, o resgate crítico e problematizador da memória.

Como Fuentes afirma: “[...] a tradição e o passado só são reais quando são tocados – e às vezes avassalados – pela imaginação poética do presente.” (2007, p. 29), é possível então, estabelecer uma relação dialógica dos elementos ficcionais com os fatos históricos, pois é numa interpretação que relaciona ambos que se consegue atingir o propósito ideal de toda obra literária, que é não somente entreter o leitor e satisfazê-lo, como um passa tempo, mas também contribuir à formação intelectual e crítica do leitor.

Como complemento dessa ideia o autor ainda pontua: “Mais que uma resposta, o romance é uma pergunta crítica acerca do mundo, mas também acerca dele mesmo.” (FUENTES, 2007, p.33). Tal concepção reforça o entendimento sobre o viés social da literatura, a qual ultrapassa o caráter de entretenimento, desempenhando uma função engajada com a formação crítica do indivíduo.

Sendo assim, da relação que existe entre literatura e sociedade, na qual uma influencia sempre de algum modo a outra, pode-se afirmar a importância do gênero romance como forma de representação social e, principalmente, como artefato histórico uma vez que esta representação ajuda o indivíduo – seja pessoal ou coletivamente - a recuperar dilemas de quaisquer instâncias do passado, colaborando, portanto, com formação da identidade crítica do leitor.

### 3 O PAPEL DO LEITOR

Como visto no capítulo anterior, literatura e sociedade têm uma relação extremamente íntima e contributiva para com os dilemas entre si. Também foi possível perceber a importância do gênero romance como representante dessa relação. Muito se falou da relevância de uma obra literária, e da influência da sociedade na sua produção, contudo, há um elemento que se mostra bastante pertinente à discussão sobre a construção de significado de uma obra, e vem ganhando fôlego na contemporaneidade: o leitor.

No campo dos estudos literários, muito se discutia sobre como se dava o processo de significação de uma obra e quais os fatores implicados neste. As visões mais fechadas das perspectivas clássicas, que focavam primordialmente na intenção do autor, provocaram propostas em contrapartida, que ajudaram a expandir o horizonte do olhar em relação à literatura.

No começo das discussões, quando com um viés mais sociológico começou a se debater a influência da sociedade na literatura, foi possível estabelecer uma relação dos elementos na configuração de significação, uma espécie de tríade, como Antônio Cândido traz:

[...] a arte pressupõe algo diferente e mais amplo que as vivências do artista. [...] é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência. Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissolivelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como *autor, obra, público*. (CÂNDIDO, 1985, p. 22)

Os três elementos presentes no discurso de Cândido “autor, obra, e público” se relacionam com a ótica de outros críticos, porém com outras nomenclaturas como “autor, texto, e leitor” entre outras, o que mostra que essa relação se reafirma em outros olhares e ganha força no que cabe à transformação do pensamento acerca da produção de significado.

Essa nova visão com seu olhar moderno acabou por dialogar com uma nova tendência desmistificadora tanto de padrões quanto de preocupações estéticas. Surgia então uma disposição mais preocupada com o olhar do homem sobre o tempo, e de certa forma, com uma renovação das concepções mais antiquadas. É o



que fomenta a produção do contemporâneo, como observa o filósofo Giorgio Agamben:

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo, é justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 62-63)

Os termos “escuro” e “obscuros” aos quais Agamben se refere, remetem às ideias estigmatizadas que provocam a sensação de aprisionamento ao passado, como por exemplo, a visão da obra apenas como reflexo do autor. A ideia de contemporâneo se relaciona com a possibilidade de reconceituação. Ou seja, tais concepções obscuras de outros tempos, limitantes das ideias atuais, sendo resgatadas no presente podem ser observadas novamente, e também modificadas, construindo então uma nova leitura do passado a partir do olhar atual.

Portanto, com a contemporaneidade um dos elementos da tríade mencionada ganhou atenção especial numa visão ousada no que cabe à construção de significado de uma obra. O leitor e sua recepção começaram a ser problematizados nos vários âmbitos, político, social, histórico, etc., e assim se deram discussões sobre como a característica receptiva do leitor e seu ambiente influenciavam na imagem crítica de uma obra e na sua ressonância através dos tempos.

Sendo assim, foi por volta do ano de 1967 - como aponta Compagnon mencionando o que propunha Jauss - que surgiu um movimento de caráter inovador, que discorreu sobre as implicações da leitura do público, conhecido como estética da recepção:

Foi a estética da recepção, na versão proposta por Jauss, que formulou o projeto mais ambicioso de renovação da história literária reconciliada com o formalismo. [...] O exame atento da recepção histórica das obras canônicas lhe servia para discutir a submissão positivista e genética da história literária à tradição dos grandes escritores. A experiência das obras literárias pelos leitores, geração após geração, tornava-se uma mediação entre o passado e o presente que permitia ligar história e crítica. (COMPAGNON, 2012, p. 207)

Jauss enfatiza o laço dialógico entre uma obra e seu público e critica as definições anteriores, como por exemplo, a do formalismo, na qual se

desconsiderava a importância do leitor, definindo-o apenas como elemento passivo, deixando de lado o papel engajado que, de fato, desempenha, assim como a ponte que sua leitura estabelece entre passado e presente. Como também pode ser observado no seguinte trecho do próprio autor:

A vida da obra literária na história é inconcebível sem a participação ativa daqueles a quem ela se destina. É a intervenção destes que faz com que a obra entre na continuidade instável da experiência literária, onde o horizonte muda sem cessar [...] A acolhida de que a obra é objeto por parte de seus primeiros leitores já implica um julgamento de valor estético presente em outras obras lidas anteriormente. Essa primeira apreensão da obra pode em seguida desenvolver-se e enriquecer-se de geração em geração, e vai constituir através da história uma “cadeia de recepções” que decidirá sobre a importância histórica da obra e indicará sua posição da hierarquia estética. (JAUSS apud COMPAGNON, 2012, p. 208)

Como o autor assinala, a participação do público se mostra fundamental pois, conforme passam-se os tempos, esta funciona como uma espécie de teia que deixa um legado para próxima geração, e que pode tanto acolher o que já fora construído como também atribuir uma nova concepção sobre um conceito já comum, e assim construir elementos que ficarão perpetuados na história dos estudos críticos e estéticos acerca de uma suposta obra ou corrente.

Por isso a recepção do leitor recebe tanta atenção, porque é a partir dela que se pode traçar um panorama pertinente, uma possível visão válida que leva em consideração os aspectos sociais e os põe de forma construtiva em relação a uma interpretação literária.

Como Compagnon ressalta, ainda segundo as teorias de Jauss: o horizonte de expectativa “é um conjunto de hipóteses compartilhadas que se pode atribuir a uma geração de leitores” (COMPAGNON, 2012, p.209), e sendo essas hipóteses compartilhadas num tempo, acabam por dialogar também com as do passado, e embasar as do futuro, formando a espécie de teia citada.

Sendo a leitura de um texto por seu público tão importante para a formação de leituras futuras, pode-se reafirmar que um texto sempre remete a outro, em sua subjetividade sempre haverá marcas culturais que aludirão a outros momentos e manifestações.

Para os teóricos afeitos à Estética da Recepção, entender a literatura contemporânea é levar em consideração a importância da releitura da tradição, isto é, do contexto de produção, a partir do olhar do leitor, inserido, por sua vez, no

espaço presentificado (ou atualizado) da recepção do objeto textual. Nesse sentido, o leitor é a peça fundamental na constituição do processo de interpretação de um texto, já que é ele quem materializa os processos de significação, estabelecendo, por meio de sua imaginação criativa e criadora a mediação entre o horizonte de expectativa do passado e a concepção de mundo atual.

A guinada da estética da representação rumo à estética da recepção, o recurso à experiência dos leitores como instância dialógica da comunicação literária, tinha a chance de compreender de maneira nova – na dialética entre inovação e tradição, obra e efeito – a mudança de horizonte da experiência histórica tendo por veículo a práxis estética, e, por conseguinte, de compreender de um modo novo o caráter estético da literatura em sua historicidade específica. (JAUSS, 1994, p. 73-74).

Com efeito, a poética de Umberto Eco, em consonância com as práticas literárias contemporâneas, explora o caráter de abertura da obra literária, por conseguinte, da pluralidade inerente ao processo receptivo, avesso à univocidade do texto artístico, princípio que ele tão bem desenvolveu, de forma teórica, em sua teoria da “obra aberta”.

Uma obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreprodutível singularidade. [...] Cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original. (ECO, 2005, p.40)

Sendo assim, como mais uma ilustração da relação entre literatura e sociedade temos, portanto, a intertextualidade com textos de caráter histórico, que é o seu fator determinante. Como por exemplo, as obras que se referem a dilemas passados na intenção de instigar a atitude do público atual; um romance que já dita tendências futuras, uma obra que antecipa outras e até mesmo um movimento social ou uma corrente devido à sua linguagem e recepção e o que isso provoca no público presente.

Mais uma vez fica, então, evidente a consciência temporal problematizada no contemporâneo. A preocupação em teorizar e problematizar o efeito de uma obra em várias gerações, assim como a busca pela inovação quando por vezes o tradicionalismo do passado evidencia interpretações limitadas, reforçam a intenção das tendências contemporâneas.

A produção do leitor vista de modo exterior - ou seja, a contribuição de sua leitura para outras - não só como significância interiorizada do ser, mas também

como contribuição histórica, é comentada por Roland Barthes, que também discorre sobre a produção do leitor assim como sua influência nas produções futuras:

[...] a leitura é verdadeiramente uma produção: não mais de imagens interiores, de projeções, de fantasias, mas, literalmente, de trabalho: o produto (consumido) é devolvido em produção, e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito. (BARTHES, 2004, p. 40)

Mais ainda, Barthes também menciona numa síntese a questão da intertextualidade de um texto em vários âmbitos e a mostra de maneira extremamente relacionada com a importância do leitor, mostrando claramente que a construção de uma obra só se dá na sua recepção, na leitura cultural que seu público desenvolve:

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64)

Uma vez que o leitor se mostra tão importante, é necessário que o autor, no contexto de produção, faça o trabalho de conduzir adequadamente o público que receberá sua obra. Para que, então, este faça suas inferências livres, porém verossímeis no que diz respeito à construção de significado de uma obra literária.

Umberto Eco em sua obra *Lector in Fabula* comenta a existência de um leitor-modelo no qual ele pontua que não se pode pressupor que haja um leitor apto para contribuir com a significação de uma específica obra, mas sim é preciso guiar o leitor para o alvo da interpretação. Essa tendência citada pelo autor também acaba ilustrando a importância dada ao leitor na contemporaneidade “[...] prever o próprio Leitor-Modelo não significa apenas <<esperar>> que exista, significa também conduzir o texto de forma a construí-lo.” (ECO, 1979, p. 59) para que assim seja apto a realizar um conjunto de operações para realizar a interpretação do texto, ou seja, a voz do narrador se porta também como leitor, pois instrui o público que receberá a obra, orientando a interpretação.

O autor ainda pontua que “No romance contemporâneo, tão entretecido de <<não ditos>> e espaços vazios, a previsão do leitor confia justamente em passeios bem mais aventureiros.” (ECO, 1979, p.127). Portanto, é possível perceber a preocupação do contemporâneo em enfatizar a participação ativa do leitor, a qual, quando bem orientada, se mostra bastante produtiva e contributiva aos estudos de crítica literária.

Considerando a visão de Eco acerca do papel do leitor, assim como os outros pressupostos vistos nesse capítulo, é possível então afirmar a importância deste na confecção do valor de uma obra literária devido ao seu desempenho na construção de significado como contribuição social a outras gerações. Essa importância é evidenciada na contemporaneidade, pois é na busca do esclarecimento dos elementos “escuros” do passado, para uma visão renovada no presente, que a construção de sentidos por parte do leitor se mostra fundamental.

#### 4 ANÁLISE DO ROMANCE

Para a realização desse trabalho, no momento de escolha do enfoque, optou-se pela obra *A misteriosa chama da Rainha Loana* (2005), do autor italiano Umberto Eco, não só pela sua presença no cenário contemporâneo, mas também pelo seu enredo e a forma como é construído.

A peculiaridade do enredo se mostra perfeitamente relacionada com os dilemas aqui estudados, primordialmente a ilustração da relação entre a sociedade e sua história com a formação do indivíduo, e em seguida, em planos mais detalhados e subjetivos: a representação do tempo histórico no gênero romance; a relação do narrador-leitor que remete à importância do leitor como partícipe da construção de sentido do texto, junto ao autor; e o resgate da memória como elemento contributivo da identidade pessoal assim como coletiva.

Portanto, o presente capítulo vai discorrer como tais aspectos se desenvolvem dentro da obra citada, e também mostrar como eles se relacionam implicitamente uns com os outros e com a noção de contemporaneidade comentada anteriormente.

A trama se dá acerca da personagem principal Giambattista Bodoni, Yambo, um bibliófilo que acidentalmente perde a memória pessoal, lembrando apenas fatos históricos e passagens de obras literárias. Desse modo, apesar de lembrar quem fora Napoleão Bonaparte e trechos de alguns romances, não consegue recordar o próprio nome e nem reconhecer a esposa.

Durante a trajetória da personagem em busca da recuperação da memória, este só percebe que as raras vezes em que lembra algo de sua experiência pessoal é quando revisita fatos do passado histórico de seu meio. Como por exemplo, no início da trama, quando a personagem revê um fragmento de uma história em quadrinhos de décadas atrás e lembra um fato peculiar da sua própria história (uma canção que costumava cantar na adolescência), sendo assim, a personagem decide visitar a velha propriedade de sua família em busca de mais acervos históricos para assim recuperar sua memória, ou constituir uma nova.

Retomando a concepção do que é contemporâneo, comentada anteriormente, e complementando com a análise feita aqui, é possível perceber um elemento em especial no desenvolver do enredo da obra que se encaixa com o que pontua Giorgio Agamben “ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um

presente em que jamais estivemos” (2009, p.70). Esse elemento é a menção à névoa presente em vários pontos da narrativa.

Eco, que também é conhecido como filósofo da névoa, nos apresenta essa figura como um elemento metafórico, o qual colabora na construção do sentimento de confusão em relação à memória da personagem.

Essa representação se dá por meio de intertextos com outras obras, sejam trechos de outros romances, sejam poemas, como no seguinte trecho no qual a personagem cita livremente, sem referenciar ou revelar ao leitor de onde guarda tal lembrança, divagando sobre seu atual estado de confusão mental:

*Minha alma limpava os vidros do bonde para afogar-se na névoa móvel dos sinais. Névoa, minha incontaminada irmã... Uma névoa espessa, opaca, que embrulhava os rumores, e fazia surgirem fantasmas sem forma... Por fim chegava a um despenhadeiro enorme e via uma figura altíssima, envolta num sudário, o rosto de um condor imaculado de neve. Eu me chamo Arthur Gordon Pym.*

*Mastigava a névoa. Os fantasmas passavam, tocavam-me, desvaneciam-se. As luzinhas longe luziam como fogos-fátuos num campo santo... [...] A névoa chega sobre pequenas patas de gato... Era uma névoa que parecia que tinham sumido com o mundo. (ECO, 2005, p. 9-10)*

A opção do autor em destacar os trechos de outras obras, sem expor claramente sua origem – exceto a referência à obra de Poe *A narrativa de Arthur Gordon Pym* – passa ao leitor a sensação do desconhecido que a névoa causa, e ao mesmo tempo uma curiosidade acerca deste. O trecho citado exemplifica essa característica, que pode ser observada ao longo de toda a narrativa.

A presença desse elemento configura uma metáfora, a qual se relaciona com as ideias do capítulo anterior sobre o contemporâneo. A névoa representa aquilo que não se pode ver claramente, algo misterioso e confuso, e por consequência instigante.

Yambo é um arquétipo de leitor. Eco, ao construí-lo, emprega características peculiares, tais como a profissão da personagem, justamente para que em sua busca este possa fazer as inferências necessárias para a contribuição da metáfora sobre o leitor contemporâneo.

A névoa pode ser interpretada não só como a sensação sobre que os dilemas do passado transmite para o indivíduo no presente, mas também como a incerteza que este vive no seu tempo atual, a qual acaba por alimentar a busca pela

memória pessoal e sua nova leitura do passado, que também reflete numa nova leitura do presente.

Na construção desse elemento, os trechos citados com a temática da névoa se mostram bastante relevantes, pois nos intertextos com outros autores, acabam ganhando força no que cabe à sensação de incerteza e de falta de clareza e luz, dialogando, portanto, com a noção temporal do resgate dos elementos esclarecedores das trevas mencionados por Agamben.

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz, é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. (AGAMBEN, 2009, p. 72)

Ou seja, o leitor contemporâneo, ao olhar para o passado, o vê de forma nebulosa e confusa, há a necessidade de uma renovação de suas leituras. Essa ideia na obra se representa pela falta da memória e de informação sobre o passado da personagem que, por conseguinte, entra em conflito com a concepção da sua identidade no presente.

A presença da névoa na obra só começa a sair de cena quando a personagem consegue, aos poucos, recuperar os fatos constitutivos de sua identidade pessoal, aludindo, então, à necessidade da recuperação do passado, e do resgate da memória para a construção de uma nova identidade, reinterpretada e esclarecida.

Ainda na construção da metáfora do leitor na contemporaneidade, o autor menciona um importante elemento em contraposição, que também dialoga com a noção de busca da luz. Esse elemento é a chama, como, por exemplo, no seguinte trecho em que a personagem principal conversa com sua esposa:

A melodia saía sozinha. E fiquei com os olhos cheios d'água.  
 “Mas por que justamente essa?”, perguntou Paola.  
 [...] “é que senti alguma coisa por dentro. Como um arrepio. [...] Eu diria... uma misteriosa chama.”  
 “O que quer dizer uma misteriosa chama?”  
 “Não sei, saiu assim.” (ECO, 2004, p. 71)



Presente desde o título – que é uma alusão ao episódio “La misteriosa fiamma della regina Loana”<sup>2</sup> da série de histórias em quadrinhos *Cino e Franco* que circulava na Itália desde o final da década de 1920 – a chama aparece como um sinal de ligação à memória perdida. Em certos momentos da narrativa, ao cantar ou recitar poemas e canções passadas sem saber qual seria a origem de seu conhecimento, Eco verbaliza por meio de seu personagem a sensação desta misteriosa chama, passando a sensação ao leitor de que esta estabelece a explicação de toda a sua confusão interior acerca de momentos dos quais não se lembra.

A chama está ligada metonimicamente à concepção de fogo. Com efeito, como explica Joseph Campbell em *O poder do mito* (1991), o fogo, desde tempos ancestrais, está presente de forma universal na cultura dos povos, e seu domínio separa o ser humano da vida animal, sendo, portanto, um elemento relacionado à capacidade do homem em construir, fabricar, forjar. Dessa forma, passará a significar não apenas restritamente iluminação do ponto de vista físico, mas também conhecimento.

Essa sensação que a chama provoca, um esclarecimento sobre fatos passados, que age como uma iluminação dos fatos que estavam ocultos, acaba por alimentar a vontade de procurar saber mais, para assim sentir novas “chamas”. Essa referência à luz que a presença da chama implica, uma espécie de iluminação gerada pelo conhecimento, também faz parte da metáfora citada, que é a busca pela desmistificação do antigo por uma renovação dos sentidos inerentes ao tempo histórico, a qual é evidenciada na contemporaneidade.

Portanto, as presenças da névoa e da chama no romance podem ser entendidas como componentes da metáfora do olhar do leitor contemporâneo, que assim como Yambo, busca esclarecer o passado como contribuição de sua identidade no presente.

É nessa relação que, como mencionado anteriormente, a intertextualidade com autores de outros momentos históricos se mostra importante, pois são nesses diálogos que a proposta de Eco se efetua. À medida que a sensação de névoa é

---

<sup>2</sup> Na visão de Yambo, a rainha Loana é descrita como a guardiã de uma “misteriosíssima chama que garante vida longa e mesmo imortalidade, visto que Loana reina sobre uma tribo selvagem sempre lindíssima, há dois mil anos.” (ECO, 2005, p. 252).

vista também em outros olhares, a metáfora da necessidade de esclarecimento na contemporaneidade ganha força.

Sendo assim, as influências dos materiais de referência histórica apresentados ao longo da narrativa, que tem um caráter quase documentário, se mostram fundamentais, pois é na leitura destes que a personagem consegue traçar um panorama da sociedade italiana do século XX e, assim, mergulhar nos dilemas que se refletiram no seu momento atual.

Ana Maria Carlos, em seu ensaio “Yambo, o Desmemoriado”, discute um desses aspectos, enfatizando os elementos que dialogam com fatos históricos e a importância que estes têm na trajetória da personagem principal “Nesse quase romance histórico, híbrido entre autobiografia, historiografia e ficção, Eco faz com que seu *alter ego* Yambo reflita sobre questões sociais políticas ocorridas nas décadas de 30 e 40, período de sua infância e adolescência.” (2011, p. 42).

Na construção desse gênero híbrido, como afirma a autora, as questões sociopolíticas encontradas e refletidas pela personagem nos são apresentadas no romance por vários meios que acabam se relacionando não só com os relatos de mídias da época em questão, como os jornais, mas também com obras literárias e discussões filosóficas.

É o que discute Edgar Roberto Kirchof no seu artigo “Intertextualidade e intermedialidade no romance pós-moderno: A misteriosa chama da Rainha Loana, de Umberto Eco”:

Dentre os exemplos contemporâneos mais recentes, o romance *A misteriosa chama da rainha Loana*, lançado originalmente em 2004, além de ser um exemplo de supercomposição, integra diretamente várias imagens icônicas ao sistema verbal, estabelecendo relações com meios como o cinema, objetos triviais, revistas em quadrinhos, revistas de moda, entre outros. (KIRCHOF, 2008, p.167)

No entanto, mesmo quando Eco referencializa as obras que cita, há pontos em que quase não se é possível diferenciar o discurso do autor dos trechos que menciona de outras obras, porque o texto se torna um só, um diálogo do passado com a ideia presente do autor. Tal construção acaba formando um produto novo e ao mesmo tempo já existente, como um círculo de significância onde um elemento contribui na constituição do outro, e mais uma vez retomando o pensamento contemporâneo, o de resgate do passado. Essa concepção de intertextualidade é encontrada no que diz Barthes:

O intertextual em que é tomado todo texto, pois ele próprio é o entretexto de outro texto, não pode confundir-se com alguma origem do texto: buscar as “fontes”, as “influências” de uma obra é satisfazer ao mito da filiação; as citações de que é feito um texto são anônimas, indiscerníveis e, no entanto, já lidas: são citações sem aspas. (BARTHES, 2004, p. 71)

Considerando o que diz Barthes, pode se dizer que o romance em questão, apesar de todas as suas influências, traz suas referências de uma maneira tão implícita em seu texto que, ao retomar o que já fora conhecido, consegue transformá-lo num novo produto. E esse artifício acaba mais uma vez colaborando com a ideia de contemporaneidade comentada aqui.

Retomando o que ressalta Kirchof, Eco usa na sua supercomposição vários recortes textuais e recursos visuais para se referir a determinado período histórico. Além dos exemplos citados, conta-se ainda com letras de música, ilustrações de revistas com caráter satírico, embalagens, poemas, manchetes de jornal, selos, capas de discos, etc.

Tais elementos culturais e suas representações midiáticas estabelecem relação intertextual com obras literárias e com momentos históricos, e o modo como são apresentadas reflete a cultura atual, fortemente imagética, o momento atual no qual recebemos a informação de modo amplo devido à expansão dos meios de comunicação.

[...] se, nessa perspectiva, a intertextualidade é uma característica intrínseca à própria textualidade, o romance moderno e pós-moderno tratou de explorá-la como traço estético diferencial. Os romances de Umberto Eco são exemplares quanto a esse aspecto, pois constituem verdadeiras redes dotadas de uma gama impressionante de referências a obras providas dos contextos culturais os mais variados, não necessariamente restritos ao universo da literatura. (KIRCHOF, 2008, p.169)

Esse traço estético diferencial ao qual o autor se refere é um dos elementos mais característicos do romance. Eco apresenta os fatos de forma imersiva já que a personagem se encontra num momento de pesquisa e resgate da memória, e acaba por encontrar muitos elementos bibliográficos que lhe causam uma enxurrada de informações e questionamentos.

Essa representação massiva de informação no romance acaba aludindo de certa forma ao leitor pesquisador de hoje, que usufrui de uma gama vasta e rica de modo muito fácil, o que pode configurar uma característica da estética pós-moderna,

que nos faz refletir sobre os avanços na comunicação e na informação, como ainda o autor ressalta:

A utilização de inúmeras ilustrações em *A misteriosa chama da rainha Loana* permite afirmar que não se trata apenas de um romance marcado pela supercomposição de formas literárias, perceptíveis principalmente pela sua forte carga intertextual. Na medida em que apresenta uma interação entre linguagens verbais e não verbais, criando possibilidades de interpretação inusitadas com essa hibridação entre meios diferentes, pode-se dizer que se trata de um romance intermedial, sendo interessante frisar que tal intermedialidade se faz possível em razão dessa “mídia invisível” na qual o próprio romance é produzido: o computador. (KIRCHOF, 2008, p.171)

A força da mídia pontuada por Kirchof, mostrada indiretamente no romance, configura também a noção de informação adquirida nos últimos tempos, a revolução tecnológica, no cerne da qual, mais precisamente, o computador tem ajudado a última geração a chegar de modo mais fácil à informação, contribuindo com o resgate da história e do passado. Portanto, ao compilar um acervo tão rico na sua obra, Eco faz uma referência a esse poderoso dispositivo moderno e sua contribuição para a formação de significado do indivíduo de hoje.

Agamben retoma Foucault e sua concepção de dispositivo: “[...] o dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados.” (2009, p. 28). Então, apesar de o assunto merecer uma análise mais detalhada, essa breve concepção revela a clara relação da riqueza do dispositivo como elemento contributivo da formação social do indivíduo leitor, pois este provém, como diz o autor, de um tipo de saber condicionado que ao mesmo tempo é construído pela mesma sociedade que vai ajudar. O dispositivo, como veículo, ajuda então na recuperação da história e constituição de novos horizontes.

No que tange à importância do papel do leitor, Gerson Tenório dos Santos em seu artigo “O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação” discorre sobre as teorias de Eco sobre o leitor-modelo e as implicações da interpretação no que cabe ao papel do autor e do público. Em sua essência o artigo também traz a questão sobre a formação do valor de uma obra, justificando que este só pode ser estimado quando levados em consideração os elementos de uma espécie de tríade: autor-texto-leitor.

A discussão levantada por Eco a respeito do leitor-modelo naturalmente rompe com uma perspectiva de que o autor ou o texto estão no centro do

processo de interpretação e controlam os sentidos deste, cabendo ao leitor a mera função de decodificar um significado já dado. A interpretação de uma obra se constitui, como vimos, num processo aberto e cooperativo entre autor-texto-leitor. (SANTOS, 2007, p. 109)

Santos, citando Eco, mostra a visão de que o autor não é o elemento principal de sua obra, suplantando a perspectiva meramente biográfica, e também salientando o fato de que no processo criativo o autor leva em consideração qual será o público leitor, construindo em seu texto elementos que caracterizem um público determinado e que consiga completar a intenção empregada na obra.

Essa ideia dialoga com o que diz Barthes: “[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.” (2004, p. 57).

Então por mais que se possa relacionar a trajetória de Yambo com a história pessoal de Eco – devido à presença de arquivos do acervo pessoal do autor, e de suas semelhanças no que cabe à profissão, por exemplo – o enredo da obra ainda vai se mostrar significativa para uma leitura coletiva de caráter social, pois a problematização do passado se faz refletir a mais uma geração, o público leitor consegue se apropriar do texto e fazê-lo seu também.

Se por um lado se pode ver toda a atenção dada a ao leitor e sua importância na construção de significado, há também que se ressaltar a característica do narrador-leitor, que dialoga com esse conceito.

Sendo Umberto Eco um pensador da teoria literária, é possível pontuar que a seguinte característica que emprega no enredo é metaliterária visto que Yambo, na sua peculiaridade de falta de memória, revisita o passado em formas impressas de variados gêneros. É narrando tais fatos, que a personagem acaba confeccionando uma nova leitura, sendo assim um narrador-leitor que fornece sua própria visão dos fatos ao público leitor da obra. Como no seguinte trecho no qual a personagem encontra algumas revistas e livros da época de sua infância:

Percebi que alguns deles, pelo desenho bem anos quarenta e pelo nome do autor, eram italianos, [...] e muitos inspiravam-se em sentimentos patrióticos e nacionalistas. [...] Como leitor-criança devo ter respirado um clima amavelmente sazornado e tanto melhor: tudo se projetava em um mundo de ontem, imaginado por senhores que tinham todo o ar de serem senhoras e que escreviam para juvenzinhos de boa família. (ECO, 2005, p. 144)

Ao contar esse fato, Eco, valendo-se da voz de Yambo, não narra com imparcialidade, mas usa do caráter dissertativo para passar sua impressão como leitor da obra. Ao narrar fatos do passado histórico acaba por revelar a sua leitura do mundo, que na situação em que a personagem se encontra, a leitura se mostra diferenciada e obviamente mais madura, essa possível estratégia é mais um reflexo – como já comentado - da imersão no passado obscuro para uma visão renovada contemporânea.

É nessa caminhada de novas leituras que a personagem descobre que a literatura era condicionada como estímulo do espírito nacionalista. Até mesmo as histórias em quadrinhos, de heróis americanos, eram modificadas para que se tornassem heróis italianos, suas características de origem eram alteradas de modo que combinassem com as do líder da nação italiana daquele tempo, Mussolini, chamado de *Duce*.

Essa noção tradicionalista, desde meios como as HQs até os periódicos, moldava do público infantil até o adulto devido à força das ideologias naquele momento em guerra. Como no seguinte exemplo, no qual se pode perceber que a literatura era usada como instrumento de manipulação:

A situação – ao menos para um livreiro-antiquário – era clara: bastava ver o primeiro número de uma nova série, de 1942, onde uma vistosa nota em negrito dizia que William Cody chamava-se na verdade Domenico Tombini, natural da Emilia-Romana (como o *Duce*, embora a nota passasse pudicamente por cima dessa prodigiosa coincidência). Em 1942, já tínhamos entrado em guerra – creio eu – contra os Estados Unidos e isso explicava tudo. (ECO, 2005, p. 146-147)

Narrar essas características que marcaram a sociedade daquela época, ainda mais sobre um momento emblemático que era a guerra, faz com que a releitura feita por Yambo contribua na construção de sua nova postura política no presente e também na do público da obra.

Ao denunciar as estratégias políticas daquele tempo, presente em vários momentos da narrativa, o autor propicia ao leitor uma nova reflexão de seu tempo atual, colaborando com a formação de sua identidade crítica.

Entendi melhor uns dias depois, numa daquelas reuniões do sábado fascista [...] devíamos recitar o Juramento. O centurião dizia: “Em nome de Deus e da Itália, juro executar as ordens do *Duce* e servir com todas as minhas forças e, se necessário, com meu sangue, a causa da Revolução

Fascista. Vocês juram? E todos deviam responder: “Eu juro!”[...]. (ECO, 2005, p. 322)

Pode-se notar que as ressonâncias da guerra e do fascismo têm bastante presença na obra, como, por exemplo, a menção ao episódio da demissão de Mussolini (p. 266). Ao desenrolar do enredo vamos descobrindo que os desdobramentos sobre esses dilemas influenciam na sensação de obscuro acerca da memória da personagem.

Além das várias imagens de recortes bastante comentadas ao longo do texto, há algo de subentendido nas coisas que Yambo encontra, o que acaba por fazer com que a personagem lembre de um fato em particular “À distância no tempo meu avô estava me dando uma grande lição, civil e historiográfica também: é preciso ler na entrelinhas.” (ECO, 2005, p. 181).

Ao investigar mais a fundo aqueles materiais históricos, Yambo acaba por se lembrar de um fato em particular que sua participação naquele momento não fora só passiva, mas que sim, sua leitura o impulsionou a mostrar uma contribuição ativa. Foi lendo nas entrelinhas, não só dos objetos que seu avô guardara, mas também de seus próprios, que a personagem resgata a memória da participação dele e de seu avô, como personagens influentes no contexto daquele tempo.

Essa participação pode ser vista em dois pequenos episódios das cenas de guerra, dos quais em um seu avô esconde fugitivos no sótão, e em outro Yambo ainda menino ajuda alguns fugitivos a se esconderem e a atravessarem o lado íngreme de uma montanha, tendo como consequência a perda de um de seus amigos nas mãos dos movimentos rebeldes, que Yambo retoma a consciência sobre seu caráter contributivo naquele tempo. A revelação desse papel participativo expõe o seu caráter ativo na guerra.

Portanto, sua leitura lhe proporcionou, resgatou, e configurou uma nova posição, mostrando como a ideologia disseminada naquele tempo acabou por influenciar de modo distinto – já que não entregou os fugitivos aos militares - sua conduta. Sua postura como leitor dos dilemas da época acabou por refletir na sua postura como indivíduo participante da sociedade

A obra como um todo apresenta a contínua busca da nova leitura, assim como o papel desta como elemento renovador e esclarecedor de “trevas”. Tal papel se mostra contribuinte na identidade crítica e participativa do indivíduo leitor, salientando então a relação entre literatura e sociedade.

Então, com viés renovador e como representante do movimento contemporâneo, o texto – como já dito – traz, principalmente ao final da narrativa, uma enxurrada de informações, intertextos, memórias, ilustrando um aspecto de confusão na caminhada ao esclarecimento da memória perdida.

Visto amplamente, o processo de recuperação era sobre toda a história de Yambo, e num plano mais esmiuçado tratava-se de recuperar a lembrança do rosto de sua primeira paixão, o que para tal objetivo a personagem “invoca” a Rainha Loana para ajudá-lo a restaurar essa memória específica, como se fosse uma espécie de guardião.

Uma vez que já foram desvendadas as mazelas sociais do contexto de sua infância, assim como sua participação naquele momento, o autor então nos fornece outro momento de intertextualidade, nos convidando, público leitor, a fazer nossas inferências e a permanecer na busca de informação.

No ato em que Yambo, inconscientemente, luta para alcançar a imagem do seu amor de infância, ele acaba recebendo uma carga massiva de imagens, o que claramente é uma metáfora do excesso de informação que a personagem enquanto leitor teve. Porém, o que se mostra significativo é o modo como esse seguimento termina, o autor conclui o texto ali, sem revelar ao público a imagem em questão:

Atenção. Não poderei perguntar outra vez “Vanzetti mora aqui?”  
Finalmente deverei colher a Ocasião.

Mas um leve *fumifugium* cor de rato está se espalhando no topo da escadaria, valendo a entrada. Sinto uma rajada de frio, alço os olhos. Por que o sol se está fazendo negro? (ECO, 2005, p. 447)

É nessa confusão de informações que Eco não deixa claro se a personagem alcançou a imagem buscada, se morreu, ou acordou do coma (ocasionado por um acidente na casa de seu avô).

O final da trama se mostra inconclusivo e, portanto, aberto às inferências do leitor, o que é outro exemplo de intertextualidade mais uma vez com a obra já comentada aqui *A narrativa de Arthur Gordon Pym* de Poe, como o próprio Eco pontua em *Seis passeios pelos bosques da ficção*:

Às vezes o narrador quer nos deixar livres para imaginarmos a continuação da história. Vejamos, por exemplo, o final da Narrativa de Gordon Pym, de Poe: [...] Aqui onde a voz do narrador se cala, o autor quer que passemos o resto da vida imaginando o que aconteceu [...] Nunca escaparemos desse bosque. (ECO, 1994, p. 12-13)



Considerando essa afirmação, é possível perceber a clara intenção de Eco para a interpretação da obra. Sendo ele um estudioso literário, sua estratégia é proposital, ao deixar o final inconclusivo ele prende o leitor permanentemente à construção da obra, intertextualizando com a estratégia de Poe e também consigo mesmo, no que cabe a suas teorias literárias.

No início quando Yambo acorda e diz “Eu me chamo Arthur Gordon Pym” é a voz não só do bibliófilo, mas também de Poe, e de Eco, todos na posição de eternos leitores que ficarão presos no bosque da ficção, na busca de mais sentidos para os labirintos ficcionais. Tal característica na obra acaba aludindo, mais uma vez, à importância dada ao leitor e à busca pelo esclarecimento de sua leitura evidenciada na contemporaneidade.

Levando em consideração essa relação, do leitor e sua leitura na contemporaneidade, assim como os dilemas vistos entre a obra e seu contexto social, pode-se ponderar que, apesar de todos os traços considerados pessoais – os vários elementos da vida pessoal de Eco, como fotos, e a profissão específica de Yambo – apresentados no romance, estes acabam se relacionando com todo um momento histórico e sua sociedade. O que ressalta, portanto, a importância do leitor na confecção desse ciclo de significação de uma obra, que no caso do romance em questão foca o resgate da memória.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo no campo da teoria e crítica literárias, buscando verificar como se dá a construção de significação de um texto literário na sociedade. Tal proposta trouxe como exemplo para enfoque a investigação de como se constitui literariamente a metáfora do narrador como leitor na obra *A misteriosa chama da Rainha Loana*, do escritor italiano Umberto Eco.

Mais especificamente procurou-se inquirir como o contexto sócio-histórico interfere na construção do narrador-leitor na obra citada; averiguar como o papel da memória, tanto histórica quanto afetiva, processa-se na construção do narrador-leitor; e também analisar a relevância da intertextualidade no processo de reconstituição da memória na obra citada.

Para responder a estes objetivos, o estudo apresentou, primeiramente, a relação que a representação presente em um romance estabelece com a sociedade; em seguida, foram mostrados aspectos referentes ao papel que o leitor desempenha na contemporaneidade; e por fim, tais dilemas foram postos em forma de análise do romance em questão.

Conforme as aplicações dos conceitos foram colocadas em relação à representação peculiar feita no romance, foi possível perceber que os dilemas sociais se mostram extremamente ligados à produção e interpretação literária, fazendo com que se possa considerar indissociável o contexto social da produção de significado de um texto literário.

A figura da memória, individual e social, bastante problematizada no romance, se mostrou relevante para o embate dos aspectos referentes às características contemporâneas. Suas implicações revelaram a importância não só da leitura do passado, como também do papel do leitor na busca dessa leitura, a qual ajuda na construção de sua identidade do presente.

É nessa busca pela leitura e pela memória que o narrador-leitor se mostra fundamental, pois este se apresentando como componente não só expositivo, mas também receptivo de uma obra literária, acaba por demonstrar a preocupação social evidenciada na contemporaneidade.

Os elementos intertextuais da obra desempenharam função significativa, pois estabeleceram para o leitor a relação da condição presente da personagem principal – de busca pela memória e, portanto, da identidade - com os dilemas

vividos no passado, e assim constituíram uma ponte de conhecimento e reconhecimento entre o presente histórico, ou seja, o presente da enunciação textual, tão caro ao escritor, e o passado, carregado de névoas, isto é, de lacunas e silêncios impostos pelo tempo.

Portanto, é possível afirmar que o romance estudado nesse trabalho consegue ilustrar de forma satisfatória os conceitos explorados nos aportes teóricos, enriquecendo os debates sobre tais implicações que são ainda recentes, e podendo servir como exemplo dos estudos literários que tem como objetivo primordial mostrar a relação íntima de literatura e sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athenas, 1991.
- CARLOS, Ana M. Yambo, O Desmemoriado. In: **Cultura e Representação**: Ensaios. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- ECO, Umberto. **A misteriosa chama da Rainha Loana**: romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Leitura do texto literário**: a cooperação interpretativa nos textos literários. Lisboa: Presença, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Trad. Alberto Guzik e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KIRCHOF, Edgar R. Intertextualidade e intermedialidade no romance pós-moderno: A misteriosa chama da rainha Loana, de Umberto Eco. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v.4, n.2 - 166-176 - jul./dez. 2008.
- MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. Trad Denise Bottmann. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Gerson T. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. In: **Kalíope**. São Paulo, ano 3, n. 2, p. 94-111, jul./dez., 2007.